

➔ 39°30'6" N 8°41'50" W

Jornada 6 | PELAS SERRAS DE AIRE E CANDEEIROS

Monsanto ➔ Santuário de Fátima

Este último dia do Caminho, entre **Monsanto** e o **Santuário de Fátima**, tem cerca de **28 km** e pode ser percorrido em aproximadamente **7 horas**.

O Caminho prossegue agora pelo território das Serras de Aire e Candeeiros. Neste cenário, ao longo de **serra-nias desertas**, emergem pequenas covas com aproveitamento agrícola ou mesmo covões, em cujas vertentes se formaram os povoados.

Neste ambiente de ruralidade, a agricultura e a pastorícia tradicional também marcam a paisagem humanizada com os tradicionais muros de pedras que limitam propriedades e protegem rebanhos e manadas, bem como os inesperados abrigos de pastores construídos totalmente e artesanalmente em pedra.

A natureza é sempre dominante, com as suas formas e configurações naturais, com destaque para as conhecidas grutas e lapas, e também para os insólitos campos de lapiaz ou o acentuado polje de Mira-Minde.

A progressiva aproximação a Fátima é marcada pelo contraste entre a ruralidade tradicional e a expressão de urbanidade que, naturalmente, a construção do Santuário gerou. A cidade de **Fátima**, retomando a tradição histórica em Portugal, é o único centro urbano formado no século XX junto de um local de culto e peregrinação.

Sugerimos-lhe que faça esta caminhada com algumas paragens, organizando o seu percurso em pequenos troços, o que lhe permite desfrutar da paisagem e entrar em comunhão com a natureza, em sintonia com os lugares que se aproximam cada vez mais do destino da sua peregrinação.

Inicie a sua caminhada, fazendo o primeiro troço desta sexta jornada, entre **Monsanto** e **Minde**, percorrendo 8 km durante aproximadamente 2 horas. Ao longo deste percurso, pode fazer paragens intermédias, junto de parques de merendas assinalados.



➔ 39°30'7" N 8°41'48" W

Atravesse **Monsanto** e saia da povoação. Suba até à estrada que liga esta vila ao **Covão do Feto** e siga, descendo suavemente, até ao contraforte da **Serra de Aire**. A paisagem começa a modificar-se. Vislumbramos já as serranias agrestes, mas belas, cortadas pelo vento frio no inverno e banhadas pelo sol tórrido no verão, dominando o panorama que penetra fisicamente nos nossos sentidos.

Pouco depois de sair de **Monsanto**, pode entrar na aldeia de **Casais da Moreta** e subir ao miradouro e parque de merendas do **Parque Natural de Serra Aire e Candeeiros**. Nesta paisagem surgem pequenas manchas de carvalho-cerquinho ou a azinheira. De entre as plantas autóctones destacam-se as plantas aromáticas, medicinais e melíferas, repartidas por algumas dezenas de espécies.

PARQUE NATURAL DAS SERRAS DE AIRE E CANDEEIROS – PNSAC: área protegida, com 38.900 hectares, nas Serras de Aire e Candeeiros, enquadradas no Maciço Calcário Estremenho. É um território vasto, com áreas naturais e áreas urbanas associadas a povoamento disperso. Abrange quatro unidades morfológicas: Serra de Aire, Serra dos Candeeiros, Planalto de Santo António e Planalto de São Mamede.

Apesar da secura na superfície dos solos, a água das chuvas penetra nos terrenos calcários, o que faz desta zona uma das maiores reservas aquíferas subterrâneas. No subsolo, existem numerosas grutas e algares e, à superfície, encontram-se curiosas formações rochosas, como campos de lapiás.

No que diz respeito à fauna, prevalece o morcego, o ginete, a raposa, o coelho, o bufo real, a águia-de-bonelli, a coruja, o mocho, a gralha e o corvo. Em termos de flora, destaca-se a azinheira, a oliveira, o carvalho e o alecrim, assim como algumas espécies florais como orquídeas e peónicas.



➔ 39°31'33" N 8°40'46" W

Prossiga até ao **Covão do Feto**. No ponto mais alto, atravesse a estrada que liga a **Serra de Santo António a Moitas-Venda** e, junto a um pequeno eucaliptal, tome o caminho que conduz ao cume da serra.

Em alternativa, pode optar por um caminho menos acidentado, seguindo pela estrada alcatroada até à povoação de **Serra de Santo António** e daqui continuando em direção a **Minde**. Está no **Planalto de Santo António**.

Por aqui, os muros e as construções são de pedra calcária. O caminho é emoldurado por muros de pedra solta que delimitam as pequenas propriedades, onde se erguem construções circulares que abrigam pastores, animais e alfaias agrícolas. As oliveiras dominam a vegetação e crescem protegidas por entre estas construções rústicas feitas pelo Homem.

Para norte, novamente a serra coberta de tojo, alecrim e carvalhais. Nos vales dormentes e pouco pronun-

ciados, entre parcelas cercadas, cultiva-se uma agricultura de métodos resilientes e ancestrais.

Continue sempre a subir até alcançar mais um miradouro e parque de merendas. Deste local, tem um panorama amplo do polje que se formou nas terras baixas entre **Minde** e **Mira de Aire**.

POLJE DE MIRA | MINDE: grande lago que em épocas recuadas existiu nesta zona calcária e que persiste quando a excessiva acumulação de água nas extensas redes de galerias subterrâneas acaba por emergir à superfície.

Com 4.000 metros de comprimento e 1.800 metros de largura, é o maior polje do Maciço Calcário. No inverno, enche-se de água, formando um grande lago, que chega a atingir uma profundidade de oito metros. Para além da beleza própria do enquadramento paisagístico, é um ambiente rico em biodiversidade. Na estação invernal, quando atinge a sua plenitude, encontramos o pato-real, a galinha-d'água e o galeirão. No Verão, a secura permite o aparecimento de outras espécies avícolas como o cartaxo, a petinha-dos-campos e a águia-cobreira.

Foi precisamente esta formação aquática ancestral que permitiu o incremento das manufaturas e da indústria de tecelagem que atraíram o povoamento e formação das duas vilas que lhe dão nome.

Depois de descansar, inicie a descida até **Minde**, uma vila que se desenvolveu graças à tecelagem e à indústria de lanifícios, em especial a fabricação de mantas. O intenso movimento comercial, gerado pela produção, deu origem à invenção de um dialeto próprio (mindrico ou mindérico), criado pelos feirantes, com o intento de manterem as negociações em privado.

Aqui pode descansar e retomar forças, mas também observar o casario antigo e a **Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Assunção**, com frontão recortado na fachada e interior com altares de talha dourada. No pitoresco largo

onde se ergue o coreto tradicional, de 1933, com cobertura em ferro e painéis de azulejos com temáticas alusivas à indústria têxtil, localiza-se também o **Museu da Agarela Roque Gameiro**, instalado na casa que pertenceu à família deste notável pintor, que nasceu em **Minde**, em 1864.

Lance-se ao Caminho, para fazer o segundo troço deste último dia, entre **Minde** e **Giesteira**.

No **Covão do Coelho**, conta com alguns equipamentos de apoio e um outro parque de merendas do **Parque Natural**. Pode realizar uma paragem intermédia, antes de continuar, agora para atravessar a **Serra de Aire**.

O Caminho prossegue, atravessando áreas mistas (zonas urbanas e zonas rurais, aldeias e campos de cultivo e pastagem). Inclui grande diversidade de estradas e caminhos de terra batida, pelo que lembramos a necessária atenção à sinalização e, sobretudo, o recurso à cartografia atualizada. Avança por encostas, cumeadas e vales, mas também por planuras. Este é o sinal de que saímos do Parque Natural e a paisagem começa a modificar-se.



➔ 39°34'44" N 8°40'48" W

A **Rua das Partilhas** leva-o até à aldeia da **Giesteira**, onde pode entrar para visitar a **ermida de Santo Amaro**, edificada em 1633.

Tem agora à sua frente o último troço desta jornada e do próprio Caminho. Daqui até ao Santuário de Fátima, são cerca de 7 km, distância que pode percorrer durante 1 hora e 30 minutos. Este percurso segue em direção a **Moita do Martinho**, passando pelo Casal Velho.

Entre campos de cultivo, matas de pinheiro bravo e bosques de carvalhos, prossiga pela **Estrada da Moita do Martinho** que o levará à **Cova da Iria**, em pleno **Santuário de Fátima**, onde a **Capelinha das Aparições** é o ponto de chegada de todos os Caminhos.

➔ 39°37'48" N 8°40'33" W



Santuário de Fátima



LUGAR DE PEREGRINAÇÃO E ESPAÇO DE ARTE

Os Caminhos e os seus itinerários levam-nos até **Fátima**, em espírito de verdadeira peregrinação. A chegada ao **Santuário** é o momento de encontro com um lugar emblemático, onde religião e arte se entrelaçam.

O Santuário ergue-se no sítio da **Cova da Iria**, local das aparições da Virgem aos três pastorinhos, em 1917. Neste território ermo e povoado por oliveiras e azinheiras, ergueu-se o santuário e desenvolveu-se a cidade de Fátima, cuja história é indissociável da história das aparições e da construção do santuário.

AZINHEIRA

Em pleno Maciço Calcário, a Cova de Iria tem um clima mais húmido do que a restante serra, mais árida. Foram essas particularidades que permitiram que em Fátima se desenvolvesse uma magnífica moldura vegetal e um coberto arbóreo distinto, um pulmão verde no qual se destacam as Azinheiras.

Estas árvores, altamente resistentes, adaptam-se às modelações do relevo, numa sucessão de depressões que configuram as covas, característica da paisagem do Planalto de São Mamede. As condições edafoclimáticas modelaram a importância científica da espécie botânica, que povoa a paisagem envolvente, onde se erguem estas árvores antiquíssimas, bem enraizadas no solo. Com troncos robustos e amplas copas, matizam a paisagem de cores diversas, ao longo do ano, conferindo uma virtualidade estética inesgotável ao território.

Foi neste ambiente, marcado por uma natureza agreste e bela, e sobre uma destas azinheiras, que os três pastorinhos (Jacinta, Francisco e Lúcia) testemunharam a primeira aparição da Virgem, em 1917. Desta paisagem antiga, preserva-se hoje no recinto do santuário uma

grande azinheira, junto da capelinha que foi construída no local das aparições onde antes se erguia uma pequena azinheira.

Ponto de encontro de peregrinos e visitantes, lugar de fé, o Santuário é também um lugar onde a arte tem espaço próprio e se exprime.

O **Santuário** é configurado por um conjunto monumental constituído pela **Capelinha das Aparições** (construída em 1919), pela **Basílica de Nossa Senhora do Rosário** e pela **Igreja da Santíssima Trindade**.

A **Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima** e a **Igreja da Santíssima Trindade** possuem discursos arquitetónicos e estéticos diferenciados. A sua organização espacial, em dois planos opostos, permite criar o grande recinto de oração onde se reúnem milhões de peregrinos. No ponto visível para toda a multidão de peregrinos, destaca-se a **Capelinha das Aparições**, protegida pela grande galeria coberta, deixando visível um local de oração e de importantes cerimónias religiosas.



CAPELINHA DAS APARIÇÕES desempenha o lugar da experiência sagrada e congregadora do Santuário de Fátima.

Construída em 1919, a pedido da Virgem Maria durante uma das aparições às três crianças, aqui foi celebrada a primeira missa em 1921. No ano seguinte, a 6 de março, foi destruída por uma bomba e, logo de imediato, reconstruída. É um edifício muito simples, com uma dimensão plástica e arquitetónica destinada a congregar os fiéis e os peregrinos em torno de um espaço de oração com uma visão dirigida para o ponto focal das aparições.

No centro da capelinha, a Virgem de Fátima assinala o lugar da azinheira das aparições, desaparecida por ter sido levada, ramo a ramo, por fiéis e crentes.

As intervenções arquitetónicas, a partir da década de 1980, incorporam uma estrutura alpendrada que protege a capelinha e todos aqueles que aí se congregam para as cerimónias privadas e públicas de oração e fé.

Arquitetura e Arte estão presentes em todo o **Santuário**, denotando uma relação requintada e sofisticada. Respondem às exigências do lugar, do clima, dos materiais, mas principalmente da atitude espiritual que as diversas artes potenciam e refletem.

A **Basílica de Nossa Senhora do Rosário**, com projeto de Gerardus Samuel van Krieken (1864-1933), iniciou-se com o lançamento da primeira pedra, a 13 de maio de 1928. A sagração do templo ocorreu a 7 de outubro de 1953. A fachada da Basílica é precedida por imponente escadaria que se prolonga numa colunata, da autoria do arquiteto António Lino (1909-1961). Na sua estrutura formal, basílica e colunata abraçam o amplo recinto de oração, num anfiteatro aberto ao mundo, destinado à promoção espiritual e à participação da assembleia.

O conjunto escultórico da colunata (executado a partir de 1953) expressa a criatividade dos escultores Álvaro de Brée (1903-1962), António Duarte (1912-1998), Leopoldo de Almeida (1898-1975), Salvador Barata Feyo (1899-1990),



Domingos Soares Branco (1925-2013), Maria Amélia Carvalheira (1904-1998), Sousa Caldas (1894-1965), Vasco Pereira da Conceição (1914-1992), Irene Vilar (1930-2008), José Manuel Mouta Barradas (1960) e Vítor Godinho Marques (1964). A escultura que representa o **Imaculado Coração de Maria**, colocada no centro da fachada da basílica a 13 de maio de 1958, é uma obra da autoria do escultor e frade dominicano Thomas MacGlynn (1906-1977).

No interior do templo, as obras de arte são igualmente representativas. Maria Amélia Carvalheira (1904-1998) é autora da escultura de São Domingos de Gusmão. Martinho Felix de Brito criou as de Santo António Maria Claret e de São João Eudes e António Amaral Paiva a de Santo Estêvão da Hungria. A representação dos pastorinhos ficou a cargo de dois escultores contemporâneos. José Rodrigues concebeu a de São Francisco Marto e Clara Menéres a de Santa Jacinta Marto.



Os 14 bronzes dourados dos **Mistérios do Rosário**, da autoria de Martinho de Brito, apresentam espontaneidade emocional e coerência da linguagem plástica.

O alto-relevo da abóbada da capela-mor é da responsabilidade de Maximiano Alves (1888-1954), os vitrais dos altares laterais que traduzem a ladainha de Nossa Senhora foram desenvolvidos por João de Sousa Araújo (n. 1929) e os 15 painéis em mosaico são da autoria de Fred Pittino (1906-1991).

No recinto do **Santuário**, ergue-se o **Presépio**, realizado, em 1999, pelo escultor José Aurélio (1938) para este espaço exterior, numa linguagem moderna, plena de simbologias e referências iconográficas. Em chapa de inox, formando uma secção triangular alongada, com 5 metros de altura, configura um anjo com asas levantadas, acolhendo e anunciando o nascimento de Jesus.

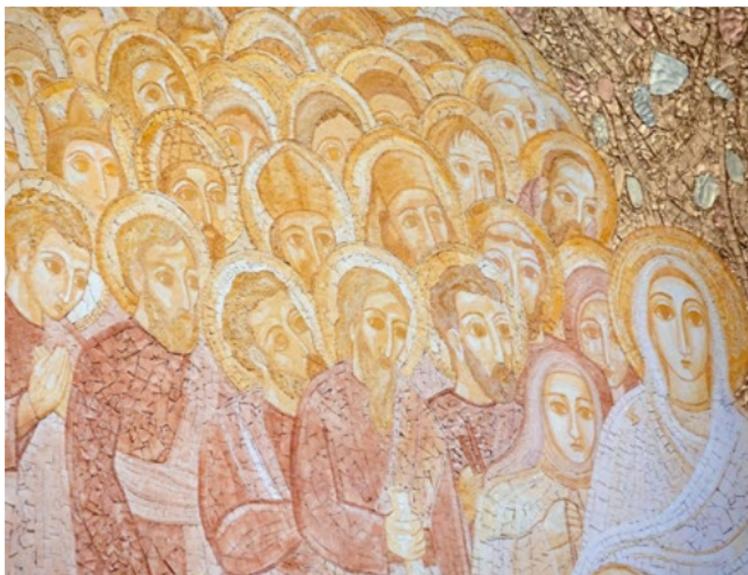




A **Igreja da Santíssima Trindade**, inaugurada a 12 de outubro de 2007, abriu um novo diálogo de convergência e de comunidade, convidando à meditação, oração e comunhão. O projeto, da autoria do arquiteto grego Alexandros Tombazis (n. 1939), incorporou contributos artísticos nacionais e internacionais, estabelecendo uma articulação consciente entre arquitetura e arte.

As obras de arte do novo templo foram confiadas a criadores de referência em diversas áreas da produção artística contemporânea. Álvaro Siza-Vieira (n. 1933) pintou o painel de azulejos dedicado aos Apóstolos Pedro e





Paulo, colocado no piso inferior da igreja. Pedro Calapez (n. 1953) criou o pórtico principal. Francisco Providência (n. 1961) desenhou o nome dos Apóstolos a que são dedicadas as portas laterais do templo. O canadiano Joe Kelly gizou a parede frontal de vidro serigrafado em inúmeras línguas. O esloveno Ivan Rupnik criou o mosaico em folha de ouro, a Nova Jerusalém do Apocalipse de São João, que guarnece a parede do Presbitério. A irlandesa Catherine Green concebeu o grande crucifixo de bronze que se suspende sobre o altar. O italiano Benedetto Pietrogrande esculpiu, em mármore de carrara, a imagem de Nossa Senhora, para o Presbitério. No exterior, a Cruz Alta do Santuário de Fátima foi construída pelo alemão Robert Schad e o polaco Czeslaw Dzwigaj realizou a estátua monumental do Papa João Paulo II.

